

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Janaína Bezerra da Silva

**O corpo periférico: reflexões sobre espaço, pertencimento e
visibilidade social**

**São Paulo
2020**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**O corpo periférico: reflexões sobre espaço, pertencimento e
visibilidade social**

Janaína Bezerra da Silva

Trabalho produzido para a obtenção do título de especialização no curso de pós-graduação lato sensu Mídia, Informação e Cultura, do Centro de Estudos Latino Americano de Comunicação e Cultura da Universidade de São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Fabiana Amaral.

São Paulo
2020

CORPO PERIFÉRICO: REFLEXÕES SOBRE ESPAÇO, PERTENCIMENTO E VISIBILIDADE SOCIAL¹

Janaína Bezerra da Silva²

Resumo: Os conflitos culturais e sociais e, portanto, políticos, segmentam as cidades e seus territórios em grupos centrais e periféricos. Com isso, os corpos periféricos são condicionados à inexistência e lido como marginais, enfrentando dificuldades para viver e ocupar espaços como um indivíduo vivo e humano. O presente artigo tem por objetivo central refletir sobre fenômenos que podem contribuir para a manutenção desta política de exclusão e invisibilidade. Ao longo do texto serão refletidos aspectos socioculturais, socioterritoriais e de políticas públicas, a partir da permanência e resistência do Centro Cultural do Grajaú e sua função social na comunidade em que ocupa.

Palavras-chave: Cultura, periferia, políticas públicas, território, poder.

Abstract: Cultural and social and, therefore, political conflicts, segment cities and their territories into central and peripheral groups. As a result, peripheral bodies are conditioned to nonexistence and read as marginal, facing difficulties to live and occupy spaces as a living and human individual. The main objective of this article is to reflect on phenomena that can contribute to the maintenance of this policy of exclusion and invisibility. Throughout the text, socio-cultural, socio-territorial and public policy aspects will be reflected, based on the permanence and resistance of the Centro Cultural do Grajaú and its social function in the community in which it occupies.

Key words: Culture, periphery, cultural policies, territory, power.

Resumen: Los conflictos culturales y sociales y, por tanto, políticos, segmentan las ciudades y sus territorios en grupos centrales y periféricos. Como resultado, los cuerpos periféricos se condicionan a la inexistencia y se leen como marginales, enfrentando dificultades para vivir y ocupar espacios como individuo vivo y humano. El principal objetivo de este artículo es reflexionar sobre los fenómenos que pueden contribuir al mantenimiento de esta política de exclusión e invisibilidad.

Palabras clave: Cultura, periferia, políticas culturales, territorio, poder.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

² Pós-graduanda em Mídia, Informação e Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. A PERIFERIA COMO TERRITÓRIO E PERTENCIMENTO.....	05
2.1 A marginalização da estética periférica.....	06
3. CIDADANIA CULTURAL: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE UM PROJETO DE POLÍTICA PÚBLICA	07
4. CENTRO CULTURAL DO GRAJAÚ.....	10
4.1 Uma ocupação cultural no fundão da zona sul.....	10
4.2 Do lugar com um dos piores IDH à batalha pela visibilidade social para permanecer (r)existindo.....	11
4.3 O corpo periférico: a construção social de um indivíduo objetificado.....	13
4.4 Uma breve análise de comentários: o ambiente digital como expressão de pertencimento.....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
6. REFERÊNCIAS.....	19

1. INTRODUÇÃO

A relação da periferia com o centro se estabelece por grandes deslocamentos. Um deles, o deslocamento físico; falta de mobilidade, distanciamento ou dificuldade de se chegar a algum lugar. Este deslocamento se apresenta, também, como projeto político e social.

Tão logo, neste contexto periférico, dificuldades são apresentadas: desigualdades, falta de políticas públicas, acesso à cultura, à educação, à saúde, ao lazer, entre outros direitos. Este corpo começa a se relacionar com os conflitos que permeiam a lógica urbana periférica e a lógica central. E, ainda que a periferia configure uma interpretação de distanciamento geográfico ou fora das imediações centrais, é importante entender que o termo “periferia” também é um conceito sociológico que amplifica a discussão deste lugar; o corpo periférico se materializa na personificação de alguém que, naturalmente, pode oferecer perigo, por ter sua centralidade lida como marginalizada.

Esta marginalização desorganiza este corpo e o limita ao servilismo de modo a esquecer sua própria humanidade e gingado. Este corpo precisa circular, se divertir, viver, pertencer, existir e socializar.

Esses processos que centralizam o poder público para privilegiar o centro e descaracterizar o território periférico ao apropriar-se dele, limitando e controlando existência do corpo é, também, herança da colonização, como pontua Porto Gonçalves:

Assim, o pensamento moderno europeu coloca-se a si próprio como um saber superior no mesmo movimento que qualifica todos os outros saberes como locais, regionais ou provincianos. Sabemos como esse movimento de colonização do conhecimento pelo pensamento moderno europeu se constrói numa dupla configuração territorial: uma interna aos estados territoriais nascentes, na medida que o outro, interno, é qualificado como provinciano, regional ou que sequer fala uma língua tendo, no máximo, um dialeto; e outra externa na medida que a constituição da unidade territorial interna se dá seja pela expulsão dos outros (GONÇALVES, 2002).

A noção de cultura – a partir do ponto de vista da criação de território e de identidade – faz o sujeito se reconhecer como parte total de um lugar – e são questões, fundamentalmente importantes, em sua construção social. Entender a cultura como criação cultural, produção e linguagem pode ser necessário para uma transformação social e de resistência nesses territórios. Para Marilena Chauí:

É o trabalho da sensibilidade e da imaginação na criação das obras de arte e como trabalho da inteligência e da reflexão na criação das obras de pensamento; como trabalho da memória individual e social na criação de temporalidades diferenciadas nas quais indivíduos, grupos e classes sociais possam reconhecer-se como sujeitos de sua própria história e, portanto, como sujeitos culturais. (CHAUI, 1992, p.12).

O principal objetivo deste artigo é refletir sobre os fenômenos sociais e territoriais que resultam na construção social do que é centralidade do corpo periférico. Políticas públicas culturais democráticas são de grande importância para entender a cultura como um espaço de movimento, (r)existência, ocupação e visibilidade social.

Por fim, o Centro Cultural do Grajaú embasa este artigo como estudo de caso e contribui para que a reflexão proposta contribua no debate da importância de políticas públicas culturais, da visibilidade do corpo periférico e afirmação de sua existência humana e atenção às problemáticas socioculturais e socioterritoriais.

2. A PERIFERIA COMO TERRITÓRIO E PERTENCIMENTO

A periferia é um território humano, potente e criativo. Anular essas características é um projeto político de invisibilidade e desumanidade com corpos periféricos. Essa construção social perpassa por grandes deslocamentos que transcendem o estado físico e alcança aspectos emocionais, como o não reconhecimento do periférico com o lugar em que nasceu, cresceu e vive. Essa vivência tem relação direta, também, com a construção de um indivíduo que se relaciona e interage em sociedade.

A estética cultural periférica é uma identidade de um grupo e essas manifestações acontecem de várias maneiras dentro de uma comunidade – e comunidade no sentido da coletividade – já que geograficamente este termo pode recair em uma vulnerabilidade que tendência à fragilidade de um grupo, de acordo com Eagleton (2000), “cultura como identidade é avessa tanto à universalidade como à individualidade; em vez disso, ela valoriza a particularidade coletiva.” (2011, p. 84).

Destarte, a cultura não tem uma definição exata ou conclusiva. Quando abre-se à discussão nos campos sociais – no entanto, este termo pode desencadear significâncias de interesse social para desorganizar estruturas e estabelecer um novo padrão de conhecimento e poder. Eagleton explica que:

Como todas as formas mais efetivas de poder, a alta cultura apresenta-se simplesmente como uma forma de persuasão moral. Ela é, entre outras coisas, uma maneira pela qual uma ordem governante molda para si mesma uma identidade em pedra, escrita e som, e o seu efeito é o de intimidar assim como inspirar (EAGLETON, 2011, p. 83).

O espaço vivido pelos moradores é um modo de vida; portanto, a potencialização dessa identidade periférica atrelada às atividades culturais que estes mesmos moradores podem criar, a partir da legitimidade de uma vivência, para além de construir uma rede forte de convívio entre as pessoas, pode incluir questões como pertencimento social, ocupação urbana e cidadania cultural.

2.1. A marginalização da estética periférica

Imagine um final de semana no fundão da zona sul, becos e vielas povoados de corpos vivos. O Seu Zé, vendendo seus doces, Seu João, seu milho quentinho. Na loja de móveis, o simpático, Seu Antônio, avisa dos descontos em armário de cozinha e sofá. No seu microfone, às vezes, falhando, divide o som e os ouvidos com o pagode do bar de Seu Carlos. Na esquina, o salão de beleza de Jaíra tem bexigas coloridas para chamar à atenção de seus cortes; o “corte rolezeiro” é acentuado com um destaque em caneta laranja, de letra simples e perfeitamente compreensível.

O “corte rolezeiro” chama a atenção pelo aspecto da identificação: é uma expressão que vem do “rolê” – “gostar de dar rolê” – “sair de rolezinho da quebrada e andar pela cidade” –. A expressão não causa espanto dentro do território que a criou de modo a representar um grupo de jovens que se arrumam, se perfumam e desfrutam a vitalidade da juventude.

Dentro da periferia existe quase uma proteção daquele corpo – contrariando a ideia da violência e marginalização – que foi intrínseca, socialmente, àquele lugar. E essa proteção decorre do efeito da identidade com a qual aquele grupo de jovens e moradores se reconhecem.

Sem a necessidade de um entendimento escolarizado, esta compreensão parte, sobretudo, da simbologia do “rolezinho” – o passeio da garotada. Stuart Hall explica que “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpretado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada” (HALL, 2006, p. 16).

E, neste campo da diferença, pautado, sobretudo, pela orquestração de uma representação, o “rolezinho”, dentro do entendimento social, foi visto como uma ameaça. A mídia tradicional tratou como uma “aglomeração de jovens” que causavam medo nas pessoas. Ainda que os próprios jovens definissem esse movimento como um “grito ao lazer.”

A princípio, o que pode levar à interpretação de uma ameaça? Um estigma que parte do imaginário coletivo ou o inato estereótipo do corpo periférico como uma violência à sociedade que se sente insegura ocupando o mesmo espaço que estes “rolezeiros?”.

É interessante observar que em uma sociedade com práticas de poder dominantes que se demarca em segregação por raça, classe e gênero, as suas ações podem recair em uma clara intencionalidade de interesses de quem pode, de fato, ocupar determinados lugares. Com base nessas problemáticas, a importância do fortalecimento da cultura periférica e portanto, popular – que pertencente ao povo – torna-se, fundamentalmente, importante para organizar movimentos e/ou frentes que lutem por essa legitimação da cultura nos territórios mais distantes dos ditos centrais. Assim, Chauí, analisa:

Embora de difícil definição, a expressão Cultura Popular tem a vantagem de assinalar aquilo que a ideologia dominante tem por finalidade ocultar, isto é, a existência de divisões sociais, pois referir-se a uma prática cultural como Popular significa admitir a existência de algo não-popular que permite distinguir formas de manifestação cultural numa mesma sociedade (CHAUI, 2003, p. 28).

A demarcação da cultura periférica é um ato de resistência e pode desmontar estruturas privilegiadas.

3. CIDADANIA CULTURAL: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE UM PROJETO DE POLÍTICA PÚBLICA

No Brasil, somente na Constituição Federal de 1988 que os direitos culturais entraram na categoria de direitos humanos fundamentais. Desse modo, a cultura passou a ser um direito de todos os cidadãos. No entanto, existem diversas problemáticas culturais que não deixam claro para quem são, de fato, direcionados este direito.

Outro aspecto fundamental a ser considerado é que numa sociedade com inúmeras interpretações de cultura, ser um cidadão cultural é, também, ser proveniente de condições econômicas e sociais que definem seu senso estético e intelectualidade. O que embasa a ideia de que a cultura, ao longo do tempo, foi julgada como burguesa, associada à erudição, hegemonia e desigualdades sociais. E, por mais que há intencionalidade em se manter essa ideia vigente, o conceito do que é ser cultural expande-se na contemporaneidade e reforça que a cultura é inerente ao sujeito, sendo, portanto, fundamentalmente um direito do cidadão e um dever do estado em ter uma agenda de políticas públicas culturais que contemplem a população e seu contexto.

No entanto, ainda que visto a importância da cidadania cultural, a materialização de projetos e acessos torna-se complexa nas cidades. Chauí esclarece:

Numa cidade polarizada por carências profundas e privilégios cristalizados, propor uma política cultural supõe decisões mais amplas, definição clara de propriedades, planejamento rigoroso dos recursos, sobretudo em tempo de crise econômica, quando um órgão público precisa fazer mais com menos. Numa perspectiva democrática, as prioridades são claras: trata-se de garantir direitos existentes, criar novos direitos e desmontar privilégios (CHAUI, 2006, p. 65).

Ao longo dos anos, houve uma evolução nas políticas públicas culturais e, sobretudo, que elas considerassem realidades e contextos. E esta evolução vem de um trabalho de conscientização e expansão na forma de fazer política. A exemplo disto, em 1989, Marilena Chaui assume a liderança da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Partindo de princípios como novos direitos e desmonte de privilégios, a secretária Marilena Chaui liderou, por quatro anos, um trabalho com participação direto da população “o que foi realizado ali, o foi com a participação da sociedade, das entidades e instituições culturais, dos movimentos sociais e populares” (CHAUI, 2006, p. 66). E, reforçou, portanto, a lógica de trazer à cidade para promover a mudança “foi uma obra da cidade, pela cidade, com a cidade e para a cidade” (CHAUI, 2006, p. 66).

Em consequência disto, a gestão de Marilena Chaui criou uma importante política, a de cidadania cultural, ou seja, a cultura como direito dos cidadãos e como trabalho de criação. As propostas dessa política cultural embasaram-se, em resumo, em quatro perspectivas:

1. **uma definição alargada da cultura**, que não uma interpretação erudita de belas-artes, mas uma elaboração coletiva e socialmente diferenciada de símbolos, valores ideias objetos, práticas e comportamentos (CHAUI, 2006, p. 72);
2. **uma definição política da cultura**, pelo prisma democrático e, portanto, como direito de todos os cidadãos, sem privilégios e sem exclusões (CHAUI, 2006, p. 72);
3. **uma definição conceitual da cultura como trabalho da criação**: trabalho de sensibilidade, da imaginação e da inteligência na criação de obras de arte; trabalho de reflexão, da memória e da crítica na criação de pensamento” (CHAUI, 2006, p. 72);
4. **uma definição dos sujeitos sociais como sujeitos históricos**, articulando o trabalho cultural e o trabalho da memória social, particularmente como combate à memória social una, indivisa, linear e contínua, e como afirmação das contradições, das lutas e dos conflitos que constituem a história de uma sociedade. (CHAUI, 2006, p. 72).

Chaui discorre ao longo deste relato institucional que no meio do caminho encontrou muitas dificuldades como carência versus privilégio: dificuldade para instituir o campo

democrático do direito; burocracia versus democracia cultural, bloqueio jurídico, o poder legislativo, expectativas e frustrações, situação física da secretária, à época, em 1989.

Neste grande passo à democratização cultural na cidade São Paulo, a secretária Marilena Chaui, junto à equipe da Secretaria Municipal, teve grandes feitos no que ela denominou como ponto de chegada, expandindo nacionalmente e como referência em outros estados brasileiros.

Sabemos, hoje, que o projeto de uma política como a da Cidadania Cultural foi sendo adotado em muitas cidades e estados do Brasil. Sabemos também que a ex-Secretária Nacional de Cultural tentou instituí-lo como diretriz nacional e que o novo Ministério da Cultura pretende implementá-la como diretriz nacional. Sabemos que as bibliotecas de todo o país, incluindo a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, passaram a adotar a ideia da Biblioteca do Cidadão e a informatizar seus acervos a partir do modelo criado pela SMC de São Paulo (CHAUI, 2006, p. 89).

Entre os muitos programas e projetos realizados, destacam-se a Ação Cultural Regionalizada. Biblioteca do Cidadão, Direito à memória, A arte na escola pública e Casa de cultura. Os projetos ganham espaço neste artigo por ampliar a discussão central: o espaço público que acolhe e diverte o corpo periférico, gingado e vivo. Para Chaui:

Casa de cultura: adaptação de espaços públicos ociosos para laboratórios e oficinas de produção cultural, cursos e debates sobre questões da cidade. Foram concebidas como centro de irradiação da produção cultural local e de recepção da produção cultural de outras regiões da cidade, estabelecendo vínculos entre o centro e periferia (CHAUI, 2006, p. 91).

Segundo Chaui, a SMC (Secretaria Municipal da Cultura), oferecia condições físicas, administrativas e financeiras para a efetivação dos programas. “A linha mestra dos Projetos Especiais foi garantir que o estado não se apresentasse como produtor cultural e não estabelecesse uma cultural oficial” (CHAUI, 2006, p. 95).

Desse modo, foram realizados projetos como:

1. **1989:** Cidade, cidadão, cidadania. 1789: Pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Cidade, cidadão, cidadania. Democracia e poder local. Cidade, cidadão, cidadania. O grafite e a pichação em São Paulo. Cidade, cidadão, cidadania. Os direitos da criança. Cidade, cidadão, cidadania. 1º de Maio: a batuta com os trabalhadores.
2. **1990:** Rede Imaginária. Televisão e democracia. Dissonâncias. Artistas e intelectuais e a cultura no Brasil. Centenário do 1º de Maio em São Paulo. Artes e ofícios da poesia. Freud. Escrita.
3. **1991:** Ética. Ciclo Mário Pedrosa. Arte e política. Natal no Vale.

4. **1992:** São Paulo dos 1000 Povos. Diga não ao preconceito. Diga sim à solidariedade. 500 anos. Caminhos da Memória, trilhas do futuro: 1992, 1922, 1792, 1492.

Com todas estas frentes e articulações, que direitos, afinal, a Cidadania Cultural garantiu? Pode-se dizer que foram direitos à informação, direitos à fruição cultural, direito à produção cultural e direito à participação.

Apesar de todos os avanços ao longo deste século nas políticas culturais no Brasil, levando à sociedade a trilhar um caminho mais justo, coletivo e solidário, existem vulnerabilidades no Estado, como leis de incentivos e projetos que conversem com a realidade em uma cidade polarizada e com desigualdades tão profundas e enraizadas como São Paulo.

4. CENTRO CULTURAL DO GRAJAÚ

4.1 Uma ocupação cultural no fundão da zona sul

O CCG (Centro Cultural do Grajaú) é um espaço cultural em movimento e articulação para manter a periferia no fronte. Já teve momentos em que passou por mudanças territoriais e de nome. Em 1992, surge como a Casa de Cultura de Interlagos, na Cidade Dutra – bairro do distrito de Santo Amaro, localizado na zona sul. Já em 2009, passa a ser se chamar Casa de Cultura Palhaço Carequinha e migra para o atual prédio, localizado no Parque América/Grajaú, quando, em 2016, passa a ser o CCG, (decreto municipal nº 5547/2014), inserindo o seu Calçadão Cultural nas programações oficiais do espaço.

Segundo dados divulgados pela próprio centro, atualmente, o espaço conta com diversas oficinas gratuitas e eventos culturais. São duas salas destinadas para oficinas, uma sala de cinema com 120 lugares, um teatro e um anfiteatro ao ar livre. O Ponto de Leitura Graciliano Ramos (com acervo aproximado de seis mil livros) compõe o complexo cultural na região do Grajaú. O Centro Cultural Grajaú é um espaço de 3000m².

O CCG também conta com uma entrada principal do Centro Cultural Grajaú de 200m² com piso de granito e paredes brancas. No local, são realizados saraus e *pocket shows*. Um teatro com aproximadamente 400m² e capacidade para 100 pessoas sentadas (com cadeiras móveis). O espaço recebe apresentações de teatro, dança, circo, performances e oficinas de dança. Cinema com capacidade para 120 pessoas sentadas (poltronas fixas). No cinema são realizadas sessões semanais para todos os públicos. Outra ação que acontece no cinema são os debates, sempre com autores e produtores de filmes e documentários.

Salas de atividades para cursos e oficinas diversas. E, por fim, o calçadão cultural com mais de 1000m² de área a céu aberto e uma arquibancada com capacidade para 150 pessoas e um palco fixo de 2m x 1,5m onde são realizados shows e debates.

Ainda sob dados do Centro, por mês são reunidas cerca de 8,7 mil pessoas, no entanto, quando acontecem shows ou eventos maiores, este número pode dobrar. O movimento de participação da comunidade acontece de forma, gradativamente, atrativa, por isso, acontece um movimento de inter-colaborativo entre escolas na realização de atividades culturais.

São muitos os desafios para a quebra de estigmas com o quais a sociedade faz a leitura do corpo periférico, de modo a conflitar o entendimento de que um espaço cultural promove, para além de lazer, marcação territorial: lugar que existe, circula e resiste. Para Eliane Gomes, coordenadora do CCG ainda não é de compreensão da comunidade a importância deste espaço: “eles veem isso como vandalismo, não percebem o propósito dos eventos, costumam pensar que é uma forma dos jovens entrarem para o mundo das drogas”, explicou à jornalista Ana Oliveira.

Eliane, também reforça que reconhecer e promover a cultura na periferia é uma oportunidade de promover o reconhecimento do próprio território: “Querendo ou não, a gente precisa seguir um governo que não está muito interessado nas comunidades carentes, mas por trás de manifestações como saraus, *slams* (batalhas de versos), souls, Grajaú Rap City a gente pode fazer nossos protestos de forma poética. A cultura promove a liberdade de expressão, a identificação e a voz que a periferia tanto precisa”, afirmou.

E mais do que isso, para Eliane é um trabalho que vislumbra o acolhimento da comunidade: “Esse foi o meu objetivo: acolhimento e respeito, afinal todo mundo gosta e precisa”.

4.2 Do lugar com um dos piores IDH à batalha pela visibilidade social para permanecer (r)existindo

O Grajaú é o 7º distrito com pior IDH na cidade de São Paulo, em uma área de área de 92km² e mais de 500 mil habitantes, ou seja, é a região com o maior número de pessoas vivendo em comunidades. Este retrato demonstra que países periféricos sofrem com o crescimento desenfreado de suas cidades. A cidade, ao longo de sua dissidência histórica, apresenta muitas possibilidades de expansão, ao passo que desorganiza estruturas que refletem o panorama do cotidiano: um emaranhado de casas, pessoas e espaços tentando conviver, simultaneamente, de uma maneira digna e humana.

Nessa busca por dignidade e humanidade, o ser periférico é também atravessado por uma necessidade de ser feliz em meio às violências postas posto em sua vida e, quando este sentimento de felicidade perpassa à sensação e materializa-se em lugar, é então que entra a importância de existir espaços que possibilitem esse bem viver, de modo a inseri-lo ao lugar de existência e que o identifique como digno: encontrar pessoas, conversar, socializar, se alimentar, se divertir.

Nas esferas de poder e da universalidade do pensamento dominante, o território periférico não pertence a cidade, como um lugar desassociado, o que pode se estabelecer a partir de um modelo do pensamento moderno europeu, como elucidada Porto Gonçalves:

A universalidade pretendida pelo pensamento moderno europeu se fez abdicando do espaço geográfico concreto de cada dia, lugar da coexistência do diverso, onde coabitam diferentes qualidades – animais, plantas, terra, água, homens e mulheres de carne e osso com as suas desigualdades sociais e suas diferenças culturais e individuais de humor e de paixões– para se abstrair matemática onde essas qualidades são postas em suspenso, assim como o pensamento se separa da matéria (GONÇALVES, 2002).

O crescimento desenfreado das cidades, perpetua uma espécie de esquizofrenia, uma vez que caminha à modernização mesmo em um contexto em que direitos básicos ainda são inalcançáveis. Para Milton Santos (2000) “vivemos num mundo confuso e confusamente percebido”. E tal mundo, é uma construção do homem. Essa confusão é massacrada pela falta de tempo no pensar; portanto, nega-se o tempo pela velocidade do capitalismo fundamentalista que fragmenta territórios pela subserviência, propulsada à ideia de produtividade velada de servilismo. Santos, também, elucidada:

Nas condições atuais, o cidadão do lugar pretende instalar-se também como cidadão do mundo. A verdade, porém, é que o “mundo” não tem como regular os lugares. Em consequência, a expressão cidadão do mundo torna-se um voto, uma promessa, uma possibilidade distante. Como os atores globais eficazes são, em última análise, anti-homem e anticidadão, a possibilidade de existência de um cidadão do mundo é condicionada pelas realidades nacionais. Na verdade, o cidadão só é (ou não é) como cidadão de um país (SANTOS, 2000, pg. 113).

E nos moldes perversos da imobilidade, o corpo periférico (r)existe e quer cadenciar no enredo do viver, ainda que respire mal, ainda que lhe falte água, terra, casa e alimento.

4.3 O corpo periférico: a construção social de um indivíduo objetificado

O corpo humano, biologicamente, é constituído por diferentes órgãos e sistemas que em conjunto desempenham diversas funções essenciais para a sobrevivência do indivíduo.

Teoricamente, na biologia, todo corpo humano parte da mesma estrutura: órgãos trabalhando juntos para garantir o funcionamento perfeito do organismo.

Socialmente, é bem diferente: a construção do corpo humano parte da estética predominante a partir de modelos que são denominados como o padrão ou aquilo que deveriam ser, de modo a localizar este corpo como privilegiado, marginalizado e até mesmo, inexistente.

O corpo privilegiado é um território demarcado pelo *status* de significâncias sociais: o corpo compreendido desta forma é lido dentro da normatividade, ou seja, o corpo que perpetua a ordem da centralidade territorial e da existência. Álvaro Pereira explica:

A ideia de centralidade, por sua vez, tem a universalidade como pressuposto. Quando se fala no ‘centro’ de uma cidade, por exemplo, parte-se da premissa de que existe uma parcela específica de seu território passível de ser reconhecida por todos como tal, independentemente de qual seja o local de moradia, a condição econômica, a etnia, a crença religiosa ou a preferência artística da pessoa ou do grupo social considerado (PEREIRA, 2012).

O corpo periférico representa um grupo social e não uma individualização. O que buscase compreender nesta dinâmica de centralidade junto à construção social é como esses processos sociais podem repercutir em efeitos de rejeição e objetificação deste corpo, agora, sim, individualizado.

Essa rejeição e objetificação podem gerar no indivíduo consequências que vão além da materialidade, transcendendo em profundas desestruturas emocionais como sentimento de rejeição, baixa autoestima, abandono e não pertencimento. Agostinho Ribeiro elucida:

Mas dificilmente este olhar exterior sobre o nosso corpo-objecto deixará de evocar gratificações e frustrações, sensuais e sociais, que ele nos proporcionou ou promete: corpo gozado ou corpo sofrido, corpo apreciado ou menosprezado, desejado ou rejeitado (Ribeiro, 1996, p. 39).

É fato que a complexidade desta construção social corpórea imposta pelas sociedades, sobretudo, as contemporâneas, dificulta a quebra deste pensamento vulnerável e viciado que condena o corpo periférico pelo olhar degradado e excludente. Entretanto, em contradição à esta lógica que retira-o da vida social, o corpo periférico sempre reaparece em forma de resistência.

Este corpo ganha, cada vez mais, espaço expressivo por entender e reconhecer a potência que carrega em existir; a sua existência passa a ser política e, portanto, a sua permanência na linha de frente, uma necessidade de afirmação.

Nas esferas da sociedade contemporânea e seus modelos paradoxais, o corpo social pode interferir na forma com a qual lemos o corpo físico. Mary Douglas discorre:

O corpo social condiciona o modo como percebemos o corpo físico. A experiência física do corpo, modificada sempre pelas categorias sociais através das quais conhecemos, mantém uma visão particular da sociedade. Existe uma contínua troca de significados entre os dois tipos de experiência, de forma que cada uma reforça as categorias da outra. Como resultado desta interação, o corpo em si mesmo é um meio altamente restrito de expressão (DOUGLAS, 1970 p.73).

O corpo não é somente uma matéria desassociada da sociedade. Ele é um objeto integrante e simbólico em construção e julgado a partir de seu local de existência socioterritorial. No momento em que este corpo se desloca e se afasta do lugar em que lhe foi predestinado e assume o protagonismo e sua própria ação, definindo, portanto, que vive e está vivo, estes lugares pensados para eles são questionados e desestruturados.

E, espaços de (r)existências são pensados, articulados e movimentados para que estes corpos possam viver em plenitude e liberdade, saindo deste lugar marginalizado e excluído para um lugar de visibilidade social.

4.4 Uma breve análise de comentários: o ambiente digital como expressão de pertencimento

Como refletido ao longo deste artigo, o espaço cultural em territórios periféricos proporciona vivências que despertam senso de pertencimento. Este corpo se identifica com o lugar em que ocupa, ele sente a necessidade de compartilhar como um manifesto, opinião, desabafo, reflexão ou mesmo para mostrar às pessoas que fazem parte de sua rede.

Nesta breve análise de alguns comentários de frequentadores do Centro Cultural do Grajaú, a pesquisa para colhimento destes dados se baseou em princípios da Netnografia – “método de pesquisa, baseado na observação participante e no trabalho de campo online, que utiliza as diferentes formas de comunicação mediada por computador como fonte de dados para a compreensão e a representação etnográfica dos fenômenos culturais e comunais” (CORRÊA e ROZADOS, 2017).

As informações colhidas são de comentários no Google que vêm diretamente da busca por “centro cultural do grajaú”. São 20 comentários filtrados, a partir da percepção dos frequentadores que embasam os pontos levantados neste estudo. Desse modo, as percepções se organizam em:

1. Para além de espaço cultural, um lugar de vivência e troca:



Diego Mesquita

Local Guide · 44 comentários · 352 fotos

★★★★★ 4 dias atrás

O centro cultural é muito massa! A galera que vai lá é da paz as vezes alguém leva música mas sempre tem uma galera massa lá. Tem lugar pra sentar, lugar pra beber perto e comprar e levar pra lá tbm é de boa. É bem seguro, a galera respeita todo mundo. O melhor é que o lugar é verde friendly. Recomendo muito!!! Se tiver passando por aqui compensa muito conhecer. E tem uns grafite muito da hora 😊 o lugar é massa msm!



Diogo Dunk

4 comentários

★★★★★ um mês atrás - 📌

É um lugar interessante e aberto parcialmente um pico de skate e um lugar de encontro nos finais de semana



Sergio de Oliveira

Local Guide · 36 comentários · 40 fotos

★★★★★ um ano atrás - 📌

Ótimo local para encontrar com os amigos e trazer a família para curtir as atrações e participar das atividades que é oferecido gratuitamente a população em geral.



Daniel Almeida

2 comentários · 1 foto

★★★★★ um ano atrás

Bom lugar pra curtir com a família bastante atração nos **finais de semana**.



Guilherme Ferreira

5 comentários · 18 fotos

★★★★★ 2 meses atrás - 📌

Um ótimo lugar para encontrar amigos, se envolver culturalmente, tomar um cerveja



2. A cultura local como expressão de pertencimento:



Felipe Pereira

10 comentários

★★★★★ um ano atrás

As **batalhas** de rap são de outro mundo



Douglas Andrade

Um comentário

★★★★★ um ano atrás

Batalha de rima pesada

G **Gustavo Alecsander da Fonseca**
 10 comentários · 3 fotos
 ★★★★★ 10 meses atrás -

Normalmente toda quinta estou lá no período da noite participando das **batalhas** de rimas e na parte da manhã tem todas as atividades a biblioteca amo tudo la...

A **Anthony Oliveira**
 Um comentário
 ★★★★★ 8 meses atrás
 Queria que esse lugar fosse mais visto e que a **batalha** grajaú rap city cresca♥

Gostei

Emerson Silva
 6 comentários
 ★★★★★ um ano atrás
 Se não for o melhor lugar do Grajaú é um dos, tem **batalha** de rimas às quinta feira

3. O manifesto do corpo periférico envolvido com a cultura periférica

Fabiana Ramos
 Local Guide · 122 comentários · 358 fotos
 ★★★★★ 11 meses atrás
 Um lugar com uma proposta maravilhosa: levar cultura e lazer pra uma região da **periferia** que, nem sempre, é lembrada. Da organização dos eventos, da disposição do palco, banheiros e toda estrutura: impecáveis! Um adendo as pessoas que trabalham lá e cuidam de tudo: excepcionais!!! Organizadores, staffs, seguranças... Tudo... Tudo perfeito e maravilhosos! Vocês estão de parabéns!!! Os eventos são incríveis!!! Precisamos de mais espaços assim, com pessoas tão comprometidas!!! Mais uma vez parabéns!!!

Roberta Nasc.
 Local Guide · 124 comentários · 111 fotos
 ★★★★★ 3 anos atrás
 Cultura na **periferia!**

kelly macedo
 4 comentários
 ★★★★★ 8 meses atrás
 É um lugar incrível que proporciona muita cultura a **periferia**.

Luise Fernandes
 Local Guide · 41 comentários · 10 fotos
 ★★★☆☆ 2 anos atrás -

Espaço periférico de investimento cultural. O que é mais incômodo é quando a Polícia aparece, inclusive em shows previamente planejados, numa postura totalmente dissimulada e autoritária, deslegitimando projetos do CCG e também a **periferia** em si.

Tabata Ozzy
 Local Guide · 30 comentários · 3 fotos
 ★★★★★ um ano atrás -

Centro Cultural do Grajaú, Parque América é a melhor casa de Cultura da zona Sul. Movimenta muito a cultura da **periferia** e mantém a comunidade unida!

4. O corpo em movimento vivendo na sua quebrada

R **Ronildo Batista Silva**
 Local Guide · 33 comentários
 ★★★★★ um ano atrás
 Acho interessante...muito bom pra se distrair ao **final de semana**...

Gostei



Essa pesquisa parte de uma breve análise e busca espontânea de corpos que frequentam o CCG e manifestam suas vivências e experiências por meio do campo digital:

Como um método de pesquisa fortemente influenciado pela antropologia, a netnografia busca analisar os fenômenos de uma perspectiva naturalista. Isso implica em observar o que acontece no contexto investigado e buscar extrair as informações necessárias da forma mais espontânea possível. Nesse sentido, os questionários devem ser evitados, pois as respostas representam mais uma antecipação do pesquisador acerca das opiniões, crenças, comportamentos e outros aspectos do grupo estudado do que a percepção dos próprios indivíduos (CORRÊA e ROZADOS, 2017).

Evidencia-se, com estas manifestações, que o corpo é uma ponte de ligação entre o mundo e o indivíduo, portanto, a corporalidade uma construção para além de identitária, mas de pertencimento que mexem com estruturas emocionais, como a sensação de bem-estar, de divertimento, de felicidade. Sentir-se vivo é, também, político.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações e aspectos dispostos neste artigo, tentou-se refletir, primeiramente, a respeito do lugar social em que o corpo periférico está inserido. A partir disso, quais são os fenômenos socioterritoriais e socioculturais que podem contribuir com uma construção democrática rumo à cidadania cultural para todos, considerando, sobretudo, realidade e contextos sociais e a influência da instrumentalidade política nestes corpos na sua interação em sociedade.

Também, foi apresentado um breve panorama do projeto de política pública que foi modelo nacional de cidadania cultural, na liderança de Marilena Chaui na SMC da cidade de São Paulo, e a importância de políticas públicas interligadas que visam desenvolvimento cultural, social, econômico e político para todos os cidadãos.

A falta de iniciativas para políticas públicas ainda é uma realidade complexa no nosso sistema político; falta Ministérios e gestões empenhadas na propulsão de projetos democráticos que alcancem, de maneira ampla, todos os territórios pertencente à cidade, sobretudo, aqueles subalternizados e invisíveis pelo próprio estado.

Já é exposto, por quem vive à margem do esquecimento, que espaços culturais, assim como ações culturais, articulam e movimentam o corpo vivo. A centralidade deste corpo nos campos de estudos urbanos, ainda permanece em uma localização para além de geograficamente, marginalizada, socialmente, destituída de humanização. E, mesmo neste contexto de enfrentamento diário por dignidade, estrutura e direitos, este corpo resiste.

Resiste na exclusão da sua existência, na individualização de grupos hegemônicos, nos padrões de sujeitos lidos como civilizados, esteticamente, bonitos e, fisicamente, desenvolvidos.

São nesses modelos cruéis e perversos que este corpo permanece. E, ainda que produtivos, contribuintes e cidadãos, caem no imaginário social que cria distâncias trágicas e olhares degradados sobre estes corpos. É fundamental compreender que a periferia é autônoma na sua construção corpórea e autora da sua própria corporalidade; ou seja, quando o corpo periférico entende sua própria potência, não há limites geográficos que os afastem de centro de sua criação.

Por fim, é importante entender que este estudo é apenas um recorte reflexivo que trouxe uma discussão aberta sobre aspectos de esfera social e cultural com provocações, dados e informações para desorganizar pensamentos organizados e alinhados às manutenções e grupos de poder.

6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. V. de. **O corpo na teoria antropológica**. Revista de Comunicação e Linguagens, Lisboa, n. 33, p. 49-66, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de F. Rabelais**. São Paulo, Hucitec e Brasília, Unb, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista à Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J Zahar Editor, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Editora 2001.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular**. 11ª edição revisada. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- BRENNER, Ana K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. **Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros**. In: Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2005, p. 177.
- CHAUI, Marilena. **Cidadania Cultural: o direito à Cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985
- CHAUI, Marilena. **Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico**. In: O Direito à Memória. Anais do Congresso Internacional: “Patrimônio Histórico e Cidadania”, promovido pelo Departamento do Patrimônio Histórico – Secretaria Municipal de Cultura, 1991. PMS, São Paulo, 1992. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n23/v9n23a06.pdf>>. Acesso em 12.05.2020.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CORRÊA, M.; ROZADOS, H. **A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação**. Encontros Bibli Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Abril.2017.
Disponível em: < 10.5007/1518-2924.2017v22n49p1>. Acesso em 31.08.2020.
- DOUGLAS, M. **Natural symbols: explorations in cosmology**. London: Barrie & Rockliff, 1970.
- DOUGLAS, M. **Purity and danger; an analysis of concepts of pollution and taboo**. Londres, Routledge, 1966.
- EAGLETON, Terry. **A ideia da cultura**. São Paulo: Editora Unesp 2011.
- GONÇALVES, Carlos. **Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades**. 2002.
Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cecena/porto.pdf>>. Acesso em 24.07.2020.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.
- MAGNANI, J. G. Cantor. **Festa no pedaço: cultura e lazer na cidade**. São Paulo: EditoraUnesp, 2003, p. 116.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas. Espaço, Cultura e Política no Brasil**. São Paulo, Editora Annablume, 2005.
- PAVIANI, A. **A lógica da periferização em áreas metropolitanas**. In: Santos, M. & Souza, M. A. A. (orgs.). **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- PEREIRA, A. L. S. **Reflexões sobre o fenômeno da “centralidade” a partir do quadro teórico da “Antropologia da Cidade”**. Ponto Urbe, São Paulo, v. 11, 2012.
- PEREIRA, P. P. G. **De Corpos e Travessias: a grande divisão e o campo da saúde**. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 66-75, jan./mar. 2011.
- RIBEIRO, A. **O corpo vai ao psicólogo**. **Cadernos de Consulta Psicológica**, Porto, v. 12, p. 39-43, 1996.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Editora Record, 2000.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Ed. USP, 1993.
- SANTOS, Milton. **Territórios, Territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial**. São Paulo: Ed. Lamparina, 1998.
- SILVA, S. B. M. **Metropolização e Raízes da Periferização Turística**. In: **Turismo em Análise**, v. 7, n. 2, p. 7-16. São Paulo: ECA/USP, 1996.
- ZALUAR, Alba. **Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência**. In: VIANNA, Hermano. **Galeras cariocas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003, p. 48.